

CARAMBAIA

Aharon Appelfeld

Meu pai, minha mãe

ilimitada

Tradução e posfácio
LUIS S. KRAUSZ

Nas viagens que faço por meio de minha escrita, volto sempre à casa dos meus pais e à dos meus avós, nas montanhas dos Cárpatos, e aos lugares onde estive junto com meus pais. Disse “volto” e preciso me corrigir. Na verdade, sempre estou na casa dos meus pais e na dos meus avós, ainda que, há anos, essas casas não existam mais. Elas são meus lugares fixos, minhas visões perpétuas, e volto a elas para lhes emprestar vida nova. Há dias, porém, em que a necessidade de estar perto delas se torna ainda mais urgente, por causa do cansaço, da melancolia e do sentimento de exaustão.

A volta a casa é, na maioria das vezes, uma alegria acompanhada de uma grande comoção.

Ao longo de toda a minha vida morei em muitas casas. Mas a saudade da casa dos meus pais permanece sempre igualmente forte. Há dias em que me abrigo na casa dos meus pais e há dias em que eu parto em direção à casa dos meus avós para me abrigar ali. A fartura que esses lugares me proporcionam não tem fim.

A casa dos meus pais e a casa dos meus avós, ao que parece, estão exatamente como quando as deixei. E, no entanto, e na verdade, não é assim: os anos as privaram do efêmero e do excessivo e deixaram só o menino que volta a admirar-se com tudo o que sente à sua volta e com tudo o que sente em seu íntimo, naquele tempo assim como hoje.

Todo trabalho criativo necessita do olhar da criança. Quando você abandona a criança que está em seu interior, o pensamento se torna um hábito e se afasta imperceptivelmente do espanto e da pureza do primeiro olhar. Com isso, o trabalho criativo se enfraquece. E o que é ainda mais grave: sem o espanto da criança, o pensamento se enche cada vez mais de dúvidas, não encontra a simplicidade em mais nada. Tudo passa a ser examinado através de uma lente de aumento, em tudo se acham defeitos e, ao final, você se encontra dividido. Só o que resta é remoer as palavras.

A primeira casa, a volta para ela e a permanência nela são a base de todos os livros que escrevi. Não escrevo livros de

memórias. A preservação da memória e a sua manutenção são atividades antiartísticas. É verdade que o que vivi na minha infância e no início da minha juventude forma o solo sobre o qual floresce a minha escrita. Mas sempre acrescento a essas memórias coisas que provêm de minhas outras experiências. Ainda assim, sem a minha primeira casa, sem suas bases e sem seu telhado, eu me perderia num mar de pensamentos e de contradições. Em vez de escrever literatura, estaria me ocupando de ideias vagas e de experimentos vãos. O trabalho criativo é sempre marcado pelo toque misterioso dos olhos da criança que existe em você. E esse olhar não pode ser trocado por nenhum artifício literário.

No instante em que os olhos da criança se erguem por sobre a escuridão dos anos, surge algo como a promessa de novas visões. Palavras claras e um refinamento luminoso da linguagem, que havia anos se encontravam ocultos em seu interior, revelam-se. O espanto exaltado da criança remove, num instante, a poeira que os anos acumularam sobre as imagens e sobre as pessoas, e elas surgem à sua frente como quando lhe foram reveladas pela primeira vez e então, com todo o seu coração, você deseja que essa graça não acabe nunca.

Escrever um livro é uma jornada que se estende por muitos dias. Ao longo dela, como em todas as jornadas, haverá dúvidas, equívocos, pensamentos desesperados, sono intranquilo. O contato com a própria intimidade e com as figuras que o acompanham ao longo dos caminhos percorridos é uma mistura entre pessoas que você conheceu de perto e outras que passaram à sua frente e que desapareceram de sua vida. Há também pessoas no fundo da sua alma que, por causa dos transtornos da época, não se mostraram a você como deveriam e caíram no abismo do esquecimento. Mas não se preocupe: nessa jornada, se a sorte interior lhe sorrir, elas se revelarão, ressurgirão dos cantos do esquecimento para alargar seus horizontes.

Sob muitos aspectos, a jornada da escrita se parece com as caminhadas que eu fazia junto com meus pais durante o verão, em direção à casa dos meus avós, nos Cárpatos. Nada do que eu via ali se parecia com o que eu imaginava: nem as vistas nem as pessoas que encontrávamos. As imagens me assolavam,

vindas de todas as partes, e ainda bem que minha mãe permanecia sentada ao meu lado, acompanhando meu espanto, sem dirigir minha atenção para nada, sem tentar explicar nada. E, com essa atitude reservada, ela permitia que as imagens fluíssem diretamente para mim. Por causa do seu silêncio, eu as absorvia melhor. O silêncio é o segredo de toda arte. Em meio ao silêncio, enxergamos melhor e ouvimos mais.

Depois dos preparativos, você parte numa jornada. No início, parece-lhe que o caminho será pavimentado e você acredita que avançará com rapidez e num ritmo seguro. Não passa muito tempo antes que o espírito otimista se deteriore. As frases iniciais, que antes rolavam em sua cabeça ordenadas e fluentes, agora se recusam a se deixar conter pelas letras.

Logo fica claro que não será nada simples encontrar as palavras certas para os sentimentos, para o panorama, sem falar no rosto de um homem. Você volta a compreender que as palavras não são sentimentos e não são panoramas. Elas podem, na melhor das hipóteses, aludir a essas coisas. Os adjetivos com os quais procuramos nos socorrer são, na maioria das vezes, só ilusões. Palavras como bonito, esplêndido, encantador e outras são só ornamentos, são como vestes transparentes. Descrever ou narrar algo por meio de palavras é uma tarefa que exige todas as suas forças. E assim, logo no início do caminho, suas mãos sentem a fraqueza. A crença de que você será capaz de narrar e de descrever por meio das palavras certas e de avançar num bom ritmo – essa crença, evidentemente, não tem fundamento.

E, apesar de todos os erros e de todos os impedimentos, você volta a tentar ligar as imagens às letras. Essa maldição de Sísifo acompanha você ao longo de todo o caminho.

Há palavras que contêm luz em seu interior. Palavras assim ajudam a criar uma imagem e uma ideia. E há palavras que, por algum motivo, são imprestáveis e privadas de vida. Se você tiver sorte, palavras luminosas facilitarão seu caminho. Mas, na maior parte das vezes, as palavras luminosas se misturam com outras, sem valor, e por isso o ofício da escrita é difícil e é mesmo desesperador.

Mas veja que milagre: você consegue se libertar desse embaraço e se põe a caminho.

E agora você avança com cuidado, com uma concentração que aumenta a cada instante, como em sua juventude, quando você saía pela porta lateral da casa, atraído pela visão do bosque encantado. Você não se afastou, mas os poucos passos que deu, o contato com as sombras suspeitas do bosque, aquela hesitação viva, agora voltam a você, quando você se encontra no início de um novo livro e parte em direção ao desconhecido.

A partir de agora, o cuidado, o temor e o medo serão seus companheiros: o que dizer e o que não dizer? Por causa do medo, você acaba apagando até o que seria necessário. Mais de uma vez, ao longo da jornada, o sono se abate sobre você. Mas isso não se deve ao cansaço, e sim à sensação de fracasso e de desespero. Em meio a esse cansaço, você investiga com uma lente de aumento tudo o que fez até ali. Todas as fraquezas, todas as imprecisões, todas as coisas que você desejava esconder aparecem com clareza. E é bom que, surpreendentemente, em meio à confusão, surja um terreno amplo e tranquilo: é o jardim dos avós, com canteiros de flores e horta e antigas árvores frutíferas, que todos os anos florescem e dão frutas. Vovô e Vovó estão em pé ali, admirados, porque, apesar de todos os obstáculos, consegui chegar até eles.

Eles não imaginam quanta saudade eu tinha deles.

Aqui, há coisas que não há na cidade: terra, plantas, animais, árvores altas, o céu e córregos sussurrantes. Há, porém, algo mais importante do que tudo isso: aqui brilha a fé. Por serem baixos, Vovô e Vovó parecem crianças. E o espanto enche seus olhos. Papai e Mamãe parecem perplexos. Os anos na cidade os privaram dessa ingenuidade que um dia eles também tiveram. Estou muito feliz por ter vindo aqui e, de tanta felicidade, é difícil para mim sair do lugar.

2

Dessa vez, volto às margens do rio Pruth, à cabana de camponeses que meus pais costumavam alugar durante as férias de verão. A construção modesta, à qual voltamos todos os verões, não é um lugar qualquer. Todo ano passamos cerca de um

mês ali, rodeados pela visão simples e marcante da natureza: o campo com girassóis amarelos, os álamos prateados que sussurram noite e dia, e o juncal, alto e denso, onde aves de rapina, cujos assovios agudos me despertam à noite, fazem seus ninhos.

A cabana não é grande: são só dois cômodos pequenos e uma cozinha, que também é onde fazemos as refeições. Junto à casa há um quintal, uma horta, duas cerejeiras e um canteiro de rosas.

De manhã cedo, o dono da cabana nos traz um pão camponês redondo, ovos, leite, queijo e manteiga. A horta está à nossa disposição e, com destreza, Mamãe serve à mesa pepinos, tomates, rabanetes e delicadas cebolinhas, colhidas pouco antes da horta. Muitos sabores e aromas acompanharam minha infância. Mas o sabor das verduras daquela horta permanece comigo até hoje.

Passamos as horas do dia, da manhã até a tarde, às margens do rio, nadando e nos bronzeando. Afinal, não são muitos os veranistas, mas eles nos são conhecidos por sua aparência pitoresca. Só a burguesia judaica é capaz de se dar ao luxo de um mês de férias em meio a esse panorama pastoral, aos pés dos montes Cárpatos.

Ao anoitecer, nos sentamos junto à porta da cabana, tomamos café e acompanhamos o pôr do sol, que se estende até as profundezas da noite. O entardecer, nessa época do ano, é demorado e guarda em si a luz do dia até depois da meia-noite. A escuridão é tênue e cinzenta, e a luz que ela contém parece nunca desaparecer completamente.

Durante a noite, não visitamos o rio. Nós o observamos de longe, ouvimos seu murmúrio e nos admiramos com tudo o que o dia nos mostrou.

Antes da meia-noite, Mamãe corta uma grande melancia, cuja cor vermelha excita o olhar. O sabor é refrescante.

Mas, como foi dito, passamos a maior parte das horas do dia às margens do Pruth. O rio não é largo e, durante o verão, não é caudaloso. Mas não deixe que sua aparência tranquila o engane: ele já devorou mais de uma criança.

Meus pais me vigiam com sete pares de olhos, mas a vigilância atenta não me impede de ver a mulher grande que permanece deitada junto à água, que se bronzeia e quase não se mexe.

Seu marido, magro e bem menor do que ela, permanece ao seu lado e lhe oferece limonada, como se ela fosse uma criança.

Não muito longe da mulher grande, um homem que teve a perna amputada permanece sentado. Pelas observações de meu pai, compreendi que ele é dono de muitas propriedades na cidade e que é diabético. Os médicos foram obrigados a lhe amputar a perna. Ele permanece sentado, sozinho, afastado das outras pessoas. O quepe militar na cabeça reforça sua atitude solitária.

À nossa volta, tudo o que se encontra são as montanhas e a água reluzente. Às vezes me parece que uma orquestra está prestes a começar a tocar uma valsa, como no parque municipal aos domingos, e que as pessoas logo vão começar a dançar.

A maior parte das pessoas tem a idade dos meus pais, algumas são mais jovens. Mas também há velhos cujos membros foram atacados pelos anos e que mancam, usam muletas ou são levados em cadeiras de rodas.

A água e o sol, evidentemente, não fazem bem aos velhos. Eles voltam bem depressa, com suas empregadas, para suas casas na cidade.

Muitas pessoas surpreendentes me cercam. Durante meu sono, algumas delas permanecem comigo e eu as vejo de perto. O homem que teve a perna amputada não é tristonho, como me parecia. A expressão de seu rosto permanece fechada. Ele olha à sua volta com um olhar amargo que às vezes se torna um olhar de desprezo. A cada vez que seu olhar encontra aquela mulher grande, cujo marido lhe dá limonada, o rosto dele se enche de nojo.

À noite, durante o sono, o que vejo se parece e não se parece com o que vi durante o dia. As coisas se acumulam, e só as pessoas diferentes, as pessoas assustadoras, permanecem nos lugares onde estavam. Não é à toa que minha mãe me deseja um sono sem pesadelos e me beija a testa. Quando tenho um pesadelo, acordo suado e trêmulo. Mamãe tenta me tirar de dentro desse lodo, mas as pessoas assustadoras continuam olhando para mim.

Outro assunto, na verdade, o mesmo assunto: o choro. Mamãe está preocupada porque eu nunca mais voltei a chorar.

Nem mesmo injeções são capazes de me fazer chorar. Papai está orgulhoso disso. Um homem que chora é um coitado, incapaz de controlar seus sentimentos. É alguém que causa pena.

Durante a infância, meu pai tinha uma tendência a chorar, conforme ele nos revelou. Mas ele se educou para não chorar. Mamãe teme que Papai tenha me legado sua determinação de calar o choro. Mas Mamãe não tem razão. Às vezes encontro uma umidade nos olhos de Papai, e vejo que ele está à beira do choro. Quando sua irmã mais velha, Tzila, morreu, vi algumas lágrimas brotando na órbita dos seus olhos. Ele não se permitiu mais do que isso. Mamãe tampouco chora em público, mas às vezes escorrem lágrimas de seus olhos, e ela se apressa em secá-las.

Quando eu estava no segundo ano, um dos meninos fortes me bateu e gritou: “Agora chora!”. E então eu disse a mim mesmo: não vou chorar. E, desde então, é como se meu choro tivesse se calado. Mais do que isso: eu não preciso dele. Quando sinto alguma dor, aperto os lábios ou fecho a boca.

Apesar disso, Mamãe fica preocupada. Ela sempre volta a dizer: crianças precisam chorar quando sentem alguma dor. O choro alivia a dor. Ao que parece, ela não sabe que a criança em mim já está bem escondida.

Não sou capaz, porém, de calar meus sonhos. Eles irrompem em meio ao sono e o preenchem completamente. Se não fosse pelos monstros e pelas criaturas sangrentas e aterrorizantes, eu ficaria feliz em sonhar. Perguntei a Mamãe se seria possível calar os sonhos. Mamãe se espantou com minha pergunta e disse: “Isso é algo que não está ao nosso alcance. O sono e os sonhos não estão à nossa disposição. Um homem não pede para sonhar. Ele simplesmente sonha”.

“E isso é um presente ou uma maldição?”, perguntei.

“O sonho é um presente de Deus e é possível ser abençoado por ele. Deus nos presenteou com dons em abundância. Nós enxergamos, ouvimos, sentimos o gosto e o cheiro e também sonhamos. O que seria de nós sem esses dons?”

Sobre Deus, Mamãe fala comigo principalmente antes do sono. Às vezes me parece que esse é o nosso segredo. Papai não usa a palavra “Deus”. Nossa empregada fala muito sobre Deus.

Na bolsa, ela leva ícones, que pousa sobre a cômoda, e então se ajoelha ao lado deles, junta as palmas das mãos e reza. Mamãe, por sua vez, não usa as mesmas palavras e as mesmas frases que Papai usa. Ele fala sempre em provas e evidências; diz que há um antes e um depois, e diz que nossos antepassados acreditavam no que acreditávamos, enquanto nós examinamos as crenças deles uma por uma.

Quando Papai enuncia seus princípios um depois do outro, Mamãe olha para ele como se aquele não fosse seu marido, e sim algum parente que sempre voltasse a surpreendê-la.

3

Só muitos anos depois fui reencontrar o sono e os sonhos que ele traz em si. Com o passar do tempo, compreendi que os sonhos e o sono estão mais próximos da arte do que da realidade. A realidade é caótica, está cheia de contradições, e os detalhes são excessivos para que se possa atribuir a eles algum significado.

O sono e os sonhos são guias para qualquer artista que deseje se libertar do caos que nos cerca. O sonho peneira a realidade, deixando os detalhes importantes e necessários. Na arte também bastam alguns detalhes apropriados para desenhar uma figura e inspirar-lhe vida.

Durante muitos anos o sonho foi considerado caos. Só grandes artistas, como o que escreveu a história de José, sabiam que o sonho não é uma imitação da realidade, e sim um guia para o seu significado.

Papai se recusa a atribuir algum significado aos sonhos. Nessa discussão, como em outros embates de opinião entre ele e Mamãe, permaneço como testemunha silenciosa. Brigas e gritos são coisas que me deixam calado. Depois de ouvir palavras duras em voz alta, é difícil para mim proferir algum som.

Mais de uma vez, durante meus longos anos de escrita, deparei com a falta de palavras, e me senti tão desamparado quanto naqueles anos de infância, quando queria dizer algo sobre meu espanto e sobre meu temor, mas as poucas palavras de que eu dispunha não vinham para me ajudar, e eu cerrava

os lábios. Mas a falta de palavras é sempre uma desvantagem? Mais de uma vez, nos primeiros anos de minha escrita, a falta de palavras adequadas me deixava ofegante, me sufocava. Só com o passar do tempo aprendi que a falta de palavras, a gagueira, frases toscas, todos os defeitos da má escrita, podem ser vantagens. Frases longas, distintas e fluentes às vezes ocultam o vazio. A abundância de palavras ordenadas frequentemente está cheia de excessos.

Pode ser que a gagueira proveniente da falta e da ausência seja a forma da expressão verdadeira. Agradeço a quem devo agradecer por, nos dias de minha infância, ter estado perto de pessoas que tinham dificuldade em se expressar, que gaguejavam e que procuravam pelas palavras certas. Foram elas que me ensinaram um pouco sobre a opressão e sobre a necessidade – e também algo sobre a escrita.

As férias de um mês, e às vezes um pouco mais, que todos os anos passávamos às margens do Pruth deixaram em mim uma série de imagens e de pessoas que me acompanham nos dias alegres e também nos tristes. Mas, especialmente, nutrem a minha escrita ao longo dos anos. Sempre que sinto a falta de palavras, evoco um canto isolado da praia à margem do rio, e nele há um homem com uma expressão dolorosa ou um homem com uma expressão de ironia. O homem com dores tem os lábios cerrados e é difícil para ele pronunciar uma palavra. O homem irônico, por sua vez, sempre dispõe de palavras em abundância, afiando-as uma por uma, e por fim as lança, de dentro da boca, como se fossem espadas, num passe de mágica.

Eis o olhar do dono da cabana, Nikolai, que espera pela nossa chegada a cada ano. É um camponês de meia-idade, desconfiado. Ele sempre diz: “Que bom que vocês voltaram para mim”, como se alguém, ao longo do caminho para sua cabana, tivesse nos oferecido uma cabana melhor ou mais barata. Voltávamos a ele todos os anos, mas isso não acalmava sua desconfiança.

Uma vez, veio acompanhado de sua mulher, linda e muito mais jovem. Ele a repreendia em voz alta. Talvez desconfiasse dela, ou sabe-se lá o quê. Mas justamente sua jovem mulher, e não ele, me surgiu algumas vezes num sonho, vestida com uma saia colorida de camponesa, sorrindo de um modo astucioso,

como se dissesse: “Não dê ouvidos às repreensões dele, eu faço o que tenho vontade. Se vier até a minha casa, lhe darei algo que vai lhe agradar”.

Nikolai também repreende os judeus. Parece-lhe que eles querem se aproveitar dele, que estão escondendo algo, que lhe pagam menos do que deveriam. Sua desconfiança é acompanhada de uma expressão nos olhos, mas às vezes ele não contém a língua e diz a Papai: “Você é um homem decente, mas os outros veranistas sempre nos enganam”.

“Por que você deixa que eles o enganem?”

“Graças a Deus meus negócios são com um homem decente. Mas todos os veranistas daqui, se examinados de perto, mostram ser criaturas suspeitas, com as quais é preciso tomar cuidado.”

“Você está exagerando, Nikolai”, diz meu pai a ele, como a um antigo conhecido.

“Desculpe-me se estou lhe dizendo algo em nome de meus pais. Meu avô, que descanse em paz, costumava dizer: ‘Não confie nos judeus nem nos ciganos. Eles sempre vão enganar você’.”

“Nem todos”, diz meu pai, envolvendo Nikolai com um olhar que põe fim à discussão.

Mas, o que fazer?, a maioria dos sonhos não é agradável. O riso da mulher conhecida por P., que passa a maior parte do dia deitada à beira do rio, torna-se mais selvagem no sonho. Às vezes o riso dela se transforma numa tosse sufocante e então seu rosto fica vermelho. O homem que teve a perna amputada olha para ela como se estivesse prestes a lhe oferecer ajuda. Às vezes me parece que ela sabe de segredos e ri por causa disso.

Muitos segredos se ocultam por aqui: os negócios de um foram à falência e o precipitaram na melancolia, e o outro, ainda que não seja jovem, é alegre como um jovem que se alegra com a desgraça alheia.

Uma vez ouvi o homem que teve a perna amputada voltando-se para um dos veranistas e dizendo: “Você vive num mundo de ilusões. Logo vai descobrir a realidade”. O homem ergueu a cabeça, admirado, assustado com o golpe que o atingiu.

O homem que teve a perna amputada fala num tom autoritário, como se soubesse de coisas que os outros desconhecem,

ou que fingem desconhecer. Estranho: ninguém discute com ele nem o faz se calar.

4

Eu nunca me afastei muito dos meus pais, mas a influência deles sobre mim não foi conjunta. Cada qual me influenciou à sua maneira. Quando escrevo um conto ou um romance, o ritmo da voz de minha mãe me acompanha até as portas da imaginação. Os que a conheceram e se lembram de sua voz me disseram que minha voz se parece com a dela.

O ritmo é a força que faz meus dedos correrem pela página branca. Quando o ritmo se cala, falta-me o ímpeto para voar, como se minhas asas tivessem sido cortadas. Às vezes acontece do ritmo voltar a mim imediatamente, mas na maior parte das vezes ele se detém por alguns dias e às vezes por semanas.

Nos dias em que a minha escrita se interrompe, não tenho sossego. Meu escritório se transforma numa gaiola, corro para um bar, para entorpecer minha inquietação com duas xícaras de café. Em outros tempos, costumava me socorrer com alguns copinhos de conhaque. Mas, quando o ritmo volta a mim, as palavras também retornam de seus exílios, as sentenças fluem e o enredo toma forma, e as palavras certas saem de seus esconderijos e fazem a parte que lhes cabe.

Herdei a música de minha mãe, que costumava cantar para si mesma em voz baixa. Eu gostava de ouvir essa música sussurrante. É espantoso quão perto eu me sinto dela, ainda agora que minha idade é o dobro da dela.

Uma vez um amigo me disse: “Não tenho nenhuma ligação com meus pais, que partiram deste mundo”. Fiquei espantado, sem saber o que lhe dizer. Ele me parece uma pessoa mutilada, a quem é preciso estender a mão. Subitamente, ergueu os olhos em minha direção, como se dissesse: “Você não percebe que eles me feriram? Há anos que eu trato das feridas que eles me causaram. Agora elas fecharam e deixaram cicatrizes. Meus pais eram meus inimigos, meu querido, e cada vez que me lembro deles volto a estremecer”.

“Por quê?”, perguntei.

“Eu também me pergunto por quê.”

Lembro-me de meu pai a cada vez que escrevo um ensaio. Para um ensaio, é preciso pensamentos claros e uma mistura correta de fatos e de argumentos.

Papai não escrevia ensaios, mas eu sinto que essa era a forma que combinava com ele. Entristece-me pensar que ele nunca tenha tido a oportunidade de aplicar seus talentos e conhecimentos. Parece-me que, se ele tivesse tido a oportunidade de escrever, suas ondas de ironia e sarcasmo teriam ficado esquecidas, e ele teria se dedicado à atividade criativa com toda a sua alma e com toda a sua força.

O que teria impedido meu pai de avançar e de se distinguir? Mamãe, que conhece Papai melhor do que qualquer pessoa, diz que Papai tinha, desde a juventude, expectativas altas demais e que isso dificultou seu caminho. Imediatamente ela acrescenta: “Quem conhece a alma de um homem? Nós pensamos e supomos, mas acaso sabemos quais são nossos verdadeiros motivos e nossos verdadeiros impedimentos? De qualquer maneira, não se pode julgar uma pessoa de maneira leviana”.

Às vezes Papai ergue a cabeça, flexiona as costas para trás e diz: “Perdi a oportunidade, eu tinha alguns talentos, mas não fui capaz de combiná-los. Sem dúvida, mereço reprovação”.

5

Até a idade de 10 anos, até que a guerra chegasse, nós voltávamos todo ano à mesma cabana. Eu lia muito durante aquelas férias, principalmente livros de Jules Verne. Suas histórias, que me emocionavam muito, foram apagadas de minha memória durante os anos da guerra, mas o mesmo não aconteceu com as pessoas que conheci à margem do rio.

As mulheres chamavam mais atenção do que os homens. Entre as mulheres ardia a paixão. Elas ansiavam pelos homens sem se envergonharem disso. Meus pais, evidentemente, tentavam em vão esconder de mim aquelas visões, que não me eram permitidas. A burguesia judaica era, de modo geral, muito contida

em lugares públicos. Ao ar livre, porém, junto à água, as paixões se exaltavam e tomavam conta dos jovens – e não só dos jovens.

As pessoas viajavam por muitos quilômetros para ali encontrar um pouco de tranquilidade. Mas o que fazer? É justamente à margem do rio que o sol e a água são capazes de despertar não só lembranças de experiências de dias que se passaram e afrontas recalcadas como também atitudes corporais diferentes das costumeiras, e palavras e expressões que não se encontram em nenhum dicionário. Evidentemente, eu não compreendia aquela situação. Eu escutava e meus olhos se enchiam com o que viam. Não surpreende que eu acordasse de noite, suado e assustado.

Papai observa com olhar irônico o que se vê à margem do rio. Mamãe não conhece a ironia. Ela olha para as pessoas com os olhos bem abertos, como se quisesse se aproximar delas. As pessoas despertam nela a alegria, o espanto e a comoção, mas não a repulsa. Papai não é capaz de conter sua atitude – e sua atitude tem certo sarcasmo e um pouco de desprezo. Nada escapa a seus olhos, ele também presta atenção aos detalhes, às mulheres que não só mostram o corpo enfeitado e gordo e os seios transbordantes como também ostentam todas as suas muitas joias e, com elas, panos coloridos, guarda-sóis, sanduíches de todos os tipos, limonadas, cremes para as mãos e para os pés. Essas mulheres parecem competir permanentemente com suas amigas, e essa competição não diz respeito apenas a seus trajes de banho, aos chapéus de sol, aos cremes e aos perfumes, mas também, e principalmente, aos homens. Como eu disse, nada escapa aos olhos de Papai. Às vezes me parece que ele não só ridiculariza, mas também desfruta do que vê.

Meus pais têm cada qual seu temperamento. Mamãe, como já disse, admira as pessoas. Ela as olha com um leve sorriso, ainda que se comportem de maneira vulgar. Papai não suporta a ostentação e o comportamento que não leva os outros em consideração. De modo geral, cada um deles se comporta de acordo com seu temperamento, sem discussões e sem raiva. Mas às vezes irrompe uma briga entre eles, como um fogo súbito num campo cujas plantas ressecaram.

Desde a minha infância, aparentemente por influência de minha mãe, me sinto atraído por mulheres que têm alguma

fraqueza. Sempre me senti próximo a elas, sem ter pena. Elas despertam em mim a vontade de contemplar. É fácil descobrir a fraqueza de uma pessoa. Ou, em outras palavras, o que há de humano numa pessoa.

A mulher conhecida como P. se ocupa consigo mesma e atribui a si mesma talentos que não tem. Ela não percebe o próprio comportamento e, por esse motivo, atrai sobre si o sarcasmo e o desprezo. O riso dela é selvagem e, quando ela tosse, saem de sua garganta uns sons guturais, desagradáveis de ouvir. Mais cedo ou mais tarde, ela volta a se machucar. Um de seus admiradores a ofende mortalmente e ela fica deitada de costas, esperneando. Seu destino está determinado, mas ela continua a esperar que algum dos rapazes se apaixone por ela. É uma artista do autoengano. É incapaz de aprender com as próprias experiências e sempre repete os mesmos erros.

Esse tipo de gente tira meu pai do sério. Para gente assim, ele tem apenas um olhar, que não muda nunca, e é um olhar de repulsa. “Uma pessoa é capaz de mudar, só precisa querer”, isso é, em resumo, o que ele pensa das pessoas. Comer e beber em excesso, ocupar-se só consigo mesmo, permanecer deitado à toa na relva são coisas que ocasionalmente provocam irrupções de raiva em meu pai. Em vão minha mãe tenta acalmá-lo.

O temperamento de Mamãe é completamente diferente. O que se passa sobre a relva desperta nela muito interesse. Ela observa P. e diz: “Hoje P. está contente. A risada dela está leve e ela não está tossindo. Ao que parece, teve um sonho bom”. Mamãe se aproxima dela e pergunta como ela vai. P. fica emocionada com a aproximação de Mamãe e, de tanta emoção, levanta-se, abraça-a e diz: “Bonia, como eu gosto de você! Sempre gostei de você e sempre pude me aproximar de você”. De tanta emoção, lágrimas surgem em seus olhos.

Mamãe sabe como tranquilizar as pessoas. Por causa dessa sua capacidade, as pessoas gostam dela. Confiam nela e ficam felizes perto dela. Ela não divide as pessoas entre boas e más. Até mesmo pessoas de temperamento colérico querem deixá-la contente.

Papai se enfurece: os judeus não sabem viver como pessoas normais. Em vez de trabalharem, eles permanecem deitados na relva. Para que eles vêm para cá? Para acumular gorduras sobre

as gorduras? Várias vezes eu o ouvi dizendo: “Não voltarei para cá. Há limites para os equívocos”.

E, apesar disso, todos os anos Mamãe consegue trazê-lo para cá. Parece que, por si só, ele compreende que passar férias em meio aos gentios seria ainda pior. Pois lá falariam mal de nós pelas costas, se afastariam e alguém diria: “O que querem os judeus às margens do rio?”.

A resposta de Papai é longa, como sempre: nem em meio aos judeus nem em meio àqueles que não são judeus. Minha casa é minha fortaleza e nela permanecerei, sem que ninguém me incomode.

Papai é um pedante. Qualquer coisa que esteja fora do lugar o tira do sério. E, além disso, é um esteta: roupas desleixadas, fofocas desnecessárias, palavras pronunciadas em voz alta, sem contar o falatório grosseiro, de opiniões contraditórias e de irrupções emocionais, são, em sua opinião, fraquezas simplesmente inaceitáveis.

6

Na minha infância, eu imaginava Deus como um velho pensativo, que sustentava o mundo sobre os ombros.

Mamãe diz que Deus está presente em todos os lugares, em todos os seres humanos, em todos os animais e em todas as plantas. Deus é mistério, mas suas expressões são claras, belas e admiráveis.

“Deus é bom?”, perguntei.

“Só bom”, diz Mamãe, e seus olhos se iluminam.

“E por que ele está presente na alma das pessoas más?”

“Deus tenta mudá-las.”

Como já disse, não pergunto a Papai sobre Deus. Mas, quando Mamãe fala sobre Deus na presença dele, o rosto de Papai se contorce, como se dissesse: são suposições, por que você fala sobre isso com tanta certeza? Até respeito suposições, mas elas têm que permanecer no âmbito das suposições.

A retidão de pensamento de Papai não conhece limites. É uma pena que ele a dirija contra Mamãe. Quando Mamãe está

de bom humor, ela sorri e diz: “Cada um se comporta à sua maneira e de acordo com seu temperamento; você à sua maneira e eu à minha”. Mas nos dias em que a retidão de pensamento de Papai a ofende, ela não responde, lágrimas escorrem de seus olhos e ela se afasta.

Papai sabe que a crença de Mamãe lhe foi legada pelos pais. Papai gosta de Vovô e de Vovó, mas se afastou da fé deles.

Quando Mamãe visita os pais, no coração dos Cárpatos, ela se transforma de imediato. Seu rosto se suaviza e frequentemente, quando ela está sentada ao lado da mãe, ela abraça os joelhos com as duas mãos. As duas são espantosamente parecidas. Às vezes me parece que, se Mamãe tivesse permanecido nos montes Cárpatos, teria mantido a crença de seus pais, e então as críticas de Papai, e seu pedantismo, não a machucariam.

A vida de Vovô e Vovó nas montanhas é calma, eles tocam os objetos domésticos com cuidado e, quando Vovó sai para colher flores nos canteiros, as faces das flores se iluminam.

Às vezes Mamãe se irrita consigo mesma porque, em vez de viajarmos para junto de seus pais, vamos para a margem do rio. Na casa de seus pais, Mamãe se sente bem. Mas Papai fica pensativo ali e sai sozinho em longas caminhadas. E, quando ele volta, seu rosto fechado parece ainda mais fechado.

Papai tem dificuldades com a crença. Ele sabe exatamente o que a crença exige. Às vezes ele se espanta por ainda existirem no mundo pessoas crentes.

Quando Mamãe vai para as montanhas, fica diferente. O rosto de Papai diz: eu não vou mais mudar. Fico espantado com Mamãe porque ela deixa que Papai se atormente, sem aproximar-se dele, sem apaziguá-lo com carícias.

Mais de uma vez, vi Mamãe parada em seu lugar, espantada porque Papai tem certas características que ela não tem.

Espantar-se não é o mesmo que olhar serenamente, e sim deleitar-se com aquilo que se revela ao olhar. Os olhos de Mamãe voltam sempre a dizer: há muitas descobertas na vida. Poucas estão abertas ao olhar, a maior parte delas está oculta. Eu não sou capaz de classificar as pessoas e de lhes atribuir notas. Eu as aceito tais quais elas são. Em cada ser humano há algo que não há em você.

À noite, Mamãe repassa as imagens do que viu de dia, ou faz um registro do que aconteceu. Papai, como é seu costume, analisa, encontra contradições, irrita-se com alguma pessoa ou com alguma coisa e, sem querer, estraga o humor de Mamãe. Quando Papai faz isso, e ele faz isso de tempos em tempos, Mamãe estremece ao ouvir sua voz e então lágrimas surgem em seus olhos.

7

Lembro-me, com a passagem dos anos, das imagens de todas as mulheres doentes de amor que vi à margem daquele rio, algumas delas com as mesmas faces de antes, porém a maioria com faces das quais tudo o que é efêmero desapareceu. Dentre elas havia algumas que amavam em meio a dores desesperadas e havia também outras em cujos olhares brilhantes pairava algo como o espanto, como se o mundo lhes tivesse revelado a plenitude de seus esplendores secretos.

E havia mulheres raivosas, que não estavam satisfeitas com seu corpo nem com sua alma, que culpavam seus pais por não terem se preocupado com elas e por não as terem preparado para a vida. E outras, tolas, que carregavam consigo suas tolices, até mesmo quando mergulhavam na água. Papai costumava apelidar aqueles veranistas de Arca de Noé, porque ali todos os animais se apresentavam ao olhar.

Aquela época, evidentemente, eu não compreendia qual era a relação. Aquela época, o mundo estava dividido em imagens aleatórias. Só com o passar do tempo, quando comecei a escrever, os homens e as mulheres passaram a surgir dos seus lugares ocultos, uns depois dos outros, e aqueles fragmentos aleatórios de vida começaram a se ligar uns aos outros.

Mamãe está certa: tudo o que eu vi há muitos anos, com meus olhos de criança, assentou-se sobre um território escuro e permaneceu ali.

Estou sentado junto à escrivaninha e as imagens se sucedem diante de meus olhos. Sinto que elas são interessantes, e talvez importantes, mas sinto também que não existe uma relação

verdadeira entre essas imagens e a minha intimidade, nem entre elas e a história que estou tratando de escrever. Evidentemente, são imagens que absorvi ontem ou anteontem, ou há um ano – o tempo ainda não as elaborou.

Subitamente brota em meio a essas imagens uma que é diferente das demais, e eu logo me espanto: é uma imagem que me foi revelada há muito tempo. O brilho de uma manhã luminosa a envolve. Papai, Mamãe e eu estamos a caminho do rio e subitamente surge em meio à névoa uma bezerra castanha e malhada. Eu me aproximo dela, para acariciá-la, e a bezerra permanece imóvel. Eu a olho e ela olha para mim, e uma grande afeição nos liga um ao outro. Por um instante, Papai e Mamãe também partilham dessa nossa afeição. A tranquilidade contida nessa imagem me emociona e eu sei que ela voltou a mim de um lugar muito distante, tão clara quanto no dia em que surgiu.

É por causa de minha mãe que aparecem coisas admiráveis a cada vez que eu saio para passear com ela. Para ela é fácil encontrar coisas admiráveis. Eis aqui uma colônia de cogumelos sob um dos pinheiros. Nós os colhemos com cuidado e os colocamos numa cesta de crochê. Os olhos de Mamãe se arregalam. Em meio aos cogumelos, oculta-se um que é venenoso. Mamãe o apanha e o deixa de lado.

Tudo o que Mamãe faz me admira. Ela é capaz de fazer mais e mais coisas admiráveis quando estamos sozinhos no campo ou junto ao rio. É uma pena que Papai não veja o que Mamãe vê. Papai não é capaz de conter seu senso crítico. As fraquezas das pessoas o tiram do sério, e que bom que ainda há algumas pessoas no mundo das quais ele gosta, pois elas o conduzem para fora de si mesmo e o alegram por algum tempo.

8

A cada vez que, sentado à mesa, saio para minhas jornadas escritas, tenho medo de me perder por caminhos que não são os meus. É claro que há momentos em que estou tão mergulhado em minha jornada que nenhum barulho externo é capaz de me

distrair. Mas o perigo de me perder do meu caminho me ronda sempre. Como é grande a minha alegria quando me aproximo do território conhecido, quando encontro algo das vistas que conheço desde a infância, como os álamos esbeltos, cheios de folhas prateadas! Nesses instantes, aproximo a cadeira da escrivaninha, para ficar mais perto das imagens que se revelaram aos meus olhos.

Às vezes não se trata de uma imagem, e sim de alguma particularidade: o pé de uma mulher jovem cujas unhas estão pintadas de verde. O pé é bonito, bem-formado, mas subitamente ele se entorta, como se cedesse a um desejo de esconder-se, ou talvez por causa de alguma dor súbita que o tomou.

Esse pé me agrada. Quanto mais eu o observo, mais ele me agrada. Eu não o desejo, mas ele me comove e me leva às lágrimas, como se não fosse um pé de mulher, mas um aspecto de um segredo que se encontra oculto em mim.

Um detalhe emocionante dos anos de minha infância às vezes é a pedra angular de um capítulo, que sustentará a estrutura de um livro inteiro.

O que torna uma narrativa incomum e diferente do simplesmente histórico são, evidentemente, as pessoas, os indivíduos nos quais está contido o tempo. Mas não só isso. Uma narrativa que não possui imagens ocultas, que preservam o tempo, que o cristalizam, que o moldam novamente e que o separam do passado – sem essas imagens, que às vezes são imagens desimportantes, que às vezes são apenas cintilações que lembram alguma imagem da infância, sem essas trivialidades não há vida verdadeira numa história.

É possível dizer isso de outra forma: sem a criança que existe em você, que vê o que vê, que guarda a lembrança dessas visões ingênuas ao longo dos anos, a narrativa facilmente resvala para o meramente cronológico, para as coisas que aconteceram e não tomaram forma, para o vago e para o usual.

A criança, seu espanto, seus medos súbitos, a tristeza incompreensível que às vezes a inunda, sua proximidade com os animais, seu mergulho em devaneios, sua ligação misteriosa com o pai e com a mãe, todas essas coisas, e outras mais, acompanham o instante em que se começa a investigar a intimidade. Outras

imagens, decisivas e complexas, são secundárias e sem importância para o olhar da criança.

Gostaria de ir mais adiante e dizer: não há artista verdadeiro sem a criança que existe nele. A criança que existe nele o salva das falas supérfluas, da polêmica, dos sofismas e das atitudes distorcidas. Um escritor não é um homem em quem se encerra a sabedoria do mundo, mas um homem que combina imagens originais, nutrindo, assim, sua vitalidade.

Seria possível dizer que se trata de um mundo limitado, e isso está certo. Uma boa história vem da limitação e da concentração. Bastam dois ou três personagens que se revelaram a ele num momento de atenção e de consciência de sua infância, desde que ele seja capaz de se ligar a esses momentos da mesma maneira como se ligava à sua mãe, à noite, antes de dormir, ou a seu pai, num momento de compaixão, e eis que ele está ligado ao mundo e a tudo o que nele habita, enquanto em sua intimidade permanece a bênção.

9

Durante anos, vaguei por muitos lugares, até que retornei àquele estreito pedaço de terra aos pés dos Cárpatos, às margens do Pruth, onde Mamãe, Papai e eu passávamos nossas férias de verão. No instante em que meus pés pisaram outra vez essa terra sussurrante, minha maneira de escrever mudou completamente. Descobri uma mina da qual surgem pedras preciosas e descobri, ainda, a criança que existe em mim e que me ensina a enxergar.

A jornada da escrita não é um empreendimento fácil. É um encontro consigo mesmo ao longo de toda a sua vida e com tudo o que você tentou fazer: seus erros, seus fracassos, os encontros cansativos e os que o tornaram um objeto vazio, os amores difíceis, que deixaram feridas que não cicatrizam, e, sobretudo, todo o horror da morte, com o qual nos defrontamos, meus pais e eu, na minha infância. É com todas essas imagens e muitas outras com as quais você se defronta quando parte para a jornada da escrita.

Às vezes me parece que a jornada da escrita não é resultado da curiosidade e da vontade de avançar, mas sim um caminhar para trás, uma procura persistente pelo passado. Mais de uma vez, você se perde pelo caminho e se desespera. Mas há dias em que os detalhes se combinam uns com os outros, como se estivessem esperando há anos para se juntarem assim.

Para evitar mal-entendidos, digo: a escrita não é apenas uma busca nas profundezas das memórias, para de lá extrair imagens ocultas da infância. Todas as experiências de sua vida precisam estar ligadas a essas imagens. Só imagens da infância não bastam para criar uma história forte e cheia de significado. A infância é um ingrediente importante, indispensável, mas é incapaz de se sustentar por si mesma. As imagens da infância são o motor de uma história, são elas que proporcionam à história sua faísca inicial. Sem essas imagens, a história sucumbiria num mar de detalhes cinzentos. Mas é preciso ligar a elas as experiências do adulto, que são o pão e o sal da vida.

Perguntei a Mamãe se ela também viajava de férias com os pais na infância.

“Não, isso nem passava pela cabeça dos meus pais.”

“Por quê?”

“A vida dos meus pais estava completa em casa, eu costumava passear pelas montanhas, costumava ajudar Mamãe, rezar, duas vezes por semana vinha um professor me ensinar as rezas e a leitura semanal da Torá.”

“E você não tinha vontade de ver a cidade?”

“Na minha infância, às vezes viajávamos à cidade para ir ao médico, para comprar remédios, para comprar roupas de inverno. Mas depois voltávamos correndo para casa.”

“Por que saímos de férias?”

“Para respirar um pouco de ar fresco. Não é bom sair de casa, deixar para trás o que é conhecido e costumeiro, nadar no rio e encontrar pessoas?”

Senti que Mamãe me dizia coisas nas quais ela mesma não acreditava e eu disse para mim mesmo: à noite, em nossas conversas antes de ir dormir, ela vai falar a mim com a sinceridade do seu coração e vai me revelar o segredo.